

Índios flechados por um mal urbano: Aids

Subnotificação atrapalha o combate ao avanço do HIV, que já pode ter infectado 1.500 em aldeias, segundo especialista

José Luís da Conceição

George Alonso

Enviado especial

• DOURADOS (MS) e CUIABÁ (MT). O índio terena Sebastião Mendes, de 43 anos, agoniza no Hospital Evangélico de Dourados, com sintomas de pneumonia. Morre três dias depois. De Aids. Um mês depois — setembro de 98 — o índio kaiapó B., de 16 anos, morre com "doença de branco" numa das aldeias em Redenção (PA). Fevereiro de 99: outro kaiapó, de 30 anos, é abatido pelo mesmo mal.

No quinto centenário do Descobrimento, a Aids surge como ameaça às populações indígenas do Brasil. Enquanto o país inteiro pode ter hoje, segundo o Ministério da Saúde, 0,3% de sua população infectada — com manifestação de sintomas ou não — entre índios este índice já pode ser de 0,4% ou mais (em estimativa não oficial, de técnicos) devido ao alto grau de subnotificação.

O Ministério da Saúde tem notificados 145 mil casos na população de 157 milhões, mas o Governo estima em 400 mil os portadores do vírus HIV assintomáticos. No caso dos índios, que formam um universo de 330 mil, foram notificados 33 casos. Dezoito já morreram, sendo cinco — pelo menos — nos últimos 18 meses. Mas estas cifras, segundo técnicos do Governo, tendem a estar muito aquém da realidade, pois a subnotificação de doenças é muito maior entre os índios do que entre os brancos, como exemplifica o antropólogo e médico da Fundação Nacional de Saúde (FNS) Marcos Pellegrini:

— Se em Londrina, onde há informação, a projeção é que para cada caso notificado possam haver 20 pessoas infectadas, entre os índios deve ser pior. É um risco dizer isso, porque cada povo indígena tem suas peculiaridades e projeções dependem do índice de desenvolvimento. Mas suspeito que pode haver de 660 a 1.500 índios portadores do HIV — diz ele.

Médico chega a estimar 10% de contaminados no Sul do MS

O desconhecimento do número exato é um problema por enquanto sem solução. Nas estimativas do médico Diobelo Teodoro de Souza, que trabalha para a Fundação Nacional do Índio (Funai) em Amambai (MS), até 2.500 dos 45 mil índios do Mato Grosso do Sul — o estado com a segunda maior população indígena do país — podem estar contaminados. Só no Sul do estado vivem 25 mil guarani-kaiowá.

— Calculo que de 20% a 30% das gestantes têm sífilis em Amambai. Onde há sífilis nesta proporção, existe Aids. Há poucos casos de Aids confirmados porque não há como fazer os exames aqui. Mas já tivemos três casos, e nos últimos meses, tive seis suspeitas. Como há substituição infantil indígena, para atender caminhoneiros, calculo que 10% dos 25 mil índios na região podem ter o HIV, em função da troca de parceiros — diz o médico, que trabalha ali há três anos.

Outro complicador na região é o trabalho indígena em usinas de cana-de-açúcar. Longe das aldeias nos meses de colheita, eles passam a frequentar prostíbulos e voltam com doenças venéreas. Perto das usinas, uma prostituta faz sexo com mais de um índio numa única noite.

Fatores culturais tornam índios vulneráveis ao HIV

O Ministério da Saúde evita fazer projeções sobre soropositivos indígenas por não ter estudo detalhado sobre o avanço da Aids nessas populações. Mas admite a gravidade da situação, em função da maior vulnerabilidade dos índios, resultante da falta de informação e, de fatores culturais como a poligamia. O coordenador do Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)/Aids do Ministério da Saúde, Pedro Chequer, explica que os índios são foram incluídos no sistema formal de notificação em 1998.

— Se as notificações são ruins no sistema público urbano, imagine no caso dos índios, com as dificuldades todas.

O infectologista David Uip, um dos mais respeitados do país, desafia os números oficiais:

— Os números do Governo são muito baixos. Estimo que hoje no Brasil haja 1,5 milhão de portadores de HIV assintomáticos. Para cada caso novo podem haver mais dez. Se no caso dos brancos a subnotificação é uma loucura, imagine entre os índios.

Segundo Chequer, o Governo vem produzindo há um ano cartilhas sobre a Aids bilíngües (em português e na língua nativa de cada povo). Mas os índios resistem ao uso da camisinha, por motivos culturais. Vídeos com índios falando da doença e de meios de preveni-la foram lançados em abril, na tentativa de vencer essa resistência.

Oficialmente, até agora 19 das 215 etnias indígenas brasileiras já conviveram com pelo menos um caso de Aids, entre elas guarani, terena, tikuna, tyrió, guajajara, macuxi e kaingang. Os primeiros casos notificados entre os índios ocorreram na segunda metade da década de 80, quando morreram um karajá e um xokleng.

Pellegrini propõe um novo modelo para tratar da saúde indígena.

— A vulnerabilidade do índio à Aids é infinitamente maior, o que torna a situação muito grave. Hoje o conceito de índio aldeado e desaldeado, da periferia das cidades, está ultrapassado. Mesmo o índio aldeado agora tem contato intenso com as cidades — justifica.

Em quase todas as áreas indígenas, o aumento significativo das DSTs — das quais só há estatísticas localizadas e a notificação não é obrigatória — é outro indicador de que algo vai mal na prevenção e nos controles da saúde desses povos. Para cada caso de doente masculino de Aids existe outro feminino entre os índios, o que indica que a transmissão do vírus tem se dado basicamente pelo contato heterossexual.

Em hospital da Missão Kaiowá, Aids e tuberculose

A lista oficial de casos de Aids entre os índios por etnia registra duas notificações em aldeia próxima a Dourados (MS), onde moram oito mil índios terena e guarani-kaiowá. O médico Franklin Amorim Sayão, que trabalha há 11 anos no Hospital Porta da Esperança, na Missão Kaiowá, afirma, porém, que foram quatro casos (três estão ainda vivos).

— O Governo trata com descrição o assunto por temer a repercussão internacional. Além disso, há falta de recursos e a tese de que a Aids é mais perigosa em centros urbanos — opina. Na região de Dourados e Amambai, a tuberculose entre índios tornou-se, segundo Sayão, endêmica. O hospital da Missão Kaiowá é o único com setor dedicado à tuberculose em índios. Nos últimos cinco anos, só de internações foram feitas cerca de 200 por ano. Como o tratamento dura seis meses, muitos índios fogem do hospital antes disso e acabam morrendo nas aldeias.

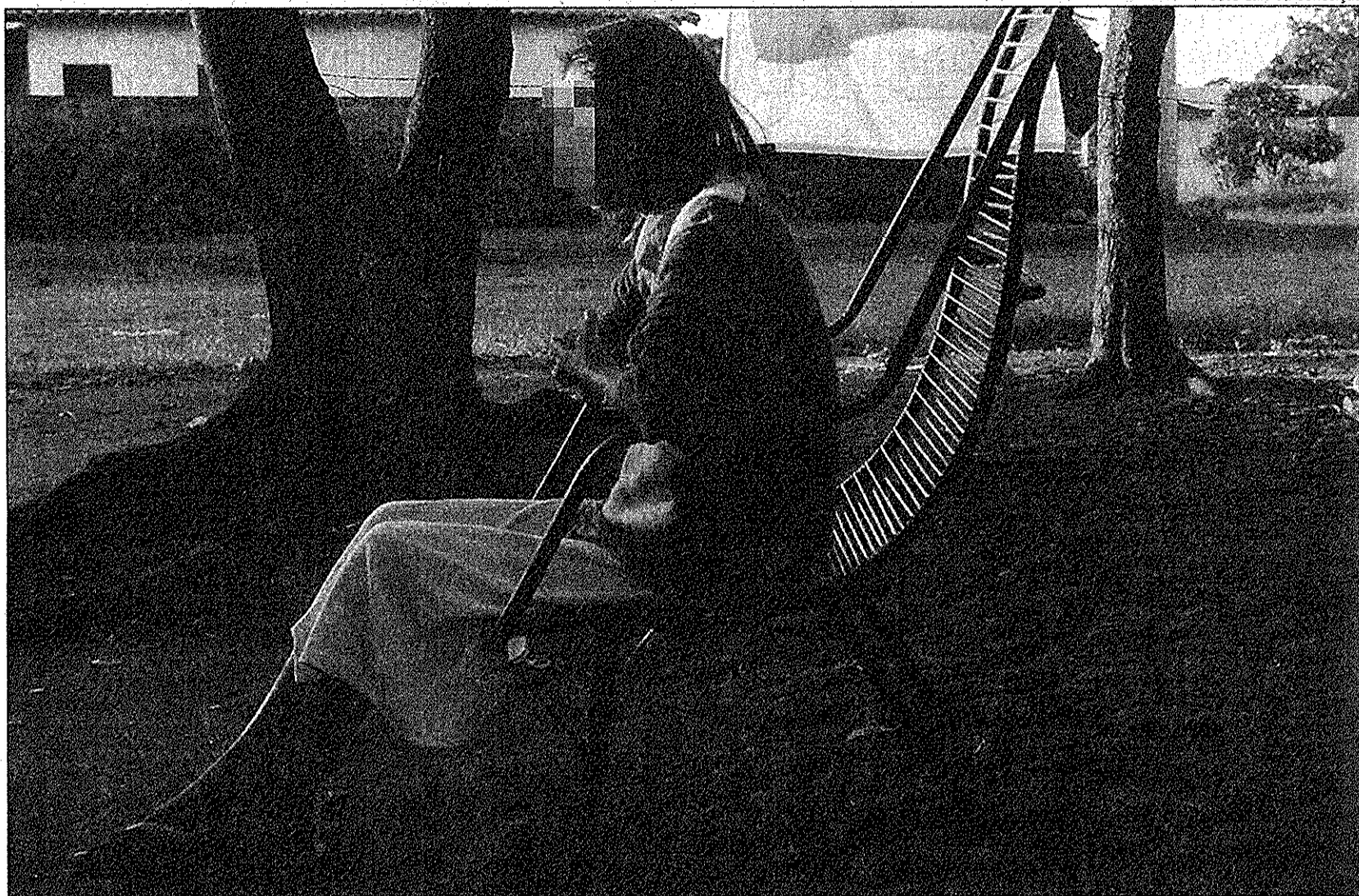
No Pará, proximidade de aldeias a garimpos preocupa

— Como a tuberculose é numerosa aqui, estamos fazendo exames de Aids em todos os casos suspeitos — revela Sayão, que vê relação direta entre o aumento da tuberculose nos índios e a Aids. No Brasil, cerca de 20% dos casos de Aids já têm diagnóstico de tuberculose no momento em que se descobre o vírus HIV.

Uma das áreas que mais preocupam o Governo é a dos kaiapó em Redenção, no Sul do Pará, onde as aldeias estão próximas a garimpos e mantêm contato intenso com madeiros, vendendo mogno. Encantados com o dinheiro que recebem, os kaiapó resistem às intervenções de médicos e técnicos do Governo e frequentam prostíbulos. Ali foram detectados recentemente três casos de Aids, segundo relatório da Funai. Dois kaiapó já morreram.

Em Campo Grande (MS), onde vivem na periferia cinco mil índios terena e guarani, a Casa do Índio revelou, no fim de maio, o aparecimento de duas suspeitas de Aids, de indígenas. Ambos não estão na lista oficial do Governo. Segundo Marli Teixeira, chefe da Casa do Índio, o medo gera reações imprevisíveis nos índios.

— Eles não vêm buscar o resultado — diz. ■



A GUARANI A., de 27 anos, contaminada pelo marido: "Ele saía muito. Às vezes penso no meu canto, desabafo, choro, e passa aquela dor. Mas só um pouco".

A Aids ENTRE OS ÍNDIOS



OS NÚMEROS

O Governo contabiliza 33 casos de Aids, num total de 330 mil índios, em 215 etnias. Em 19 delas foram notificados casos de Aids. Dos 33 casos, houve 18 mortes. Mas a subnotificação de doenças entre índios é enorme. Com a Aids, não é diferente



A Aids E OS JOVENS

Por grupo etário, o Ministério da Saúde registra que 31,3% dos casos de Aids notificados entre os índios envolvem jovens de 25 a 29 anos. Na faixa etária de 30 a 34 anos, o índice de doentes é de 28,1%. Na faixa de 20 a 24 anos, o índice é de 12,5%



A PREVENÇÃO

Em meados de 98, começaram a ser distribuídas cartilhas bilíngües nas aldeias sobre doenças sexualmente transmissíveis e Aids. Desde abril são exibidos vídeos nas reservas, onde índios falam da doença. Um exército de agentes indígenas de saúde está em formação



A DOENÇA NO PAÍS

Houve 145 mil casos registrados no país desde o início dos anos 80. Do total, 50% já morreram. O Governo estima em 400 mil (0,3% da população) os portadores de HIV



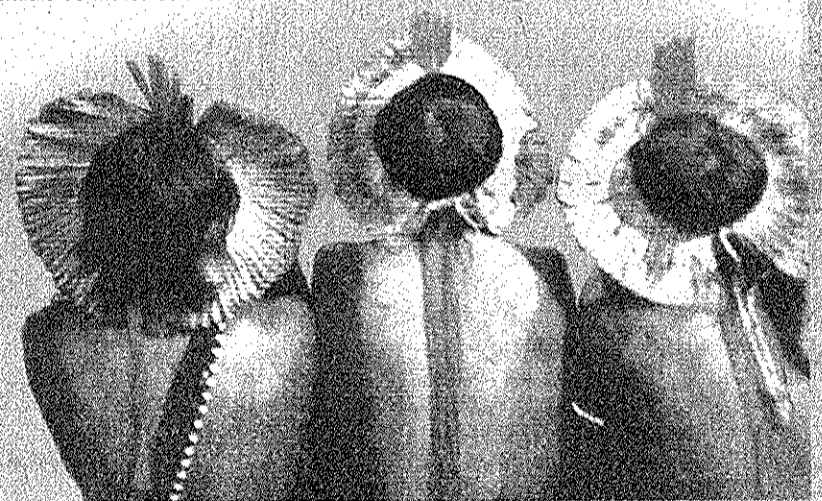
A VULNERABILIDADE

Estudos mostram a interiorização da Aids e sua incidência nas camadas mais pobres. Há cada vez mais contato sexual de índios com brancos



AS DIFICULDADES

Os índios não usam camisinha, a poligamia é cultural e as relações com brancos são comuns



Doença não aparece sequer em atestado

Só declaração de óbito de índio, mais completa, revelou que ele tinha Aids

• DOURADOS (MS). A índia terena Maria Aparecida Mendes cuidou durante um ano de Sebastião, seu irmão que morreu de Aids em 18 de agosto de 1998 no Hospital Evangélico de Dourados (MS). O atestado de óbito entregue a outros parentes da família, e que ela não chegou a ver, diz apenas que a causa da morte foi insuficiência respiratória aguda.

— Meu irmão, disseram, morreu de cirrose. A doença comeu ele por dentro, arruinou. O médico falou isso, cirrose — diz ela.

A declaração oficial de óbito, porém, é mais completa: diz que Sebastião tinha Aids. Registra também a evolução do quadro de saúde dele: pneumonia e, depois, insuficiência respiratória aguda.

Médicos suspeitam de mulheres contaminadas na aldeia

Enterrado no cemitério da reserva de Jaguapiru, onde vivem cerca de oito mil indígenas, guarani-kaiowá e terena, Sebastião trabalhava no roçado antes de adoecer. Na reserva há 12 parentes de Sebastião. O primeiro diagnóstico foi feito em junho de 98 no Hospital da Missão Kaiowá, junto à aldeia, que presta atendimento ambulatorial aos índios. Registrava dores no estômago e vômitos.

Em função do forte contato da aldeia com a cidade, supõe-se que ele contraiu o HIV por relação sexual. O temor dos médicos que atuam junto aos índios é que mulheres da aldeia tenham tido contato sexual com ele. A Aids pode demorar sete anos para se manifestar.

— Ele tinha namoradas, antes

de arruinar — diz a irmã, que hoje mora na periferia da cidade.

Sem saber da doença e dos sintomas, Maria Aparecida lembra do fim trágico do irmão, aos 43 anos:

— Foi difícil. Chorei muito quando ele morreu. Ele já não comia. Eu dava banho, os remédios na hora certa. Ele ficou magrinho. Vomitava sangue e obrava (evacuava) muito. Ficou só couro e osso, com aquelas manchas no corpo inteiro. O médico disse que

eram de tanto ele ficar deitado.

O caso de Sebastião é um dos exemplos dos óbitos que pipocaram aqui e ali pelas reservas indígenas em 1998. Uma potiguara de 37 anos, que teve seu diagnóstico feito em 97, também morreu na Paraíba no ano passado. Uma tikuna, de 20 anos, teve o mesmo desfecho trágico no Amazonas. O mesmo ocorreu com outro terena, de 36 anos, também na região de Dourados. ■

CORPO A CORPO

A.

'Pesava 62 quilos. Hoje tenho 32'

• A guarani A., de 27 anos, convive há quatro anos com a Aids, que pegou do marido, branco. Hoje separada, mora com um filho na periferia de Campo Grande. Quando piora, recorre a um hospital público.

O GLOBO: Como você pegou Aids?

A.: Desconfio que foi do meu marido, que saía muito. Me separei depois dos exames. Ele quis se separar.

• Qual foi sua reação ao saber que tinha o vírus HIV?

A.: Foi na Santa Casa, quatro anos atrás. Fiquei abatida, em desespero. Chorei muito. Agora, fiquei mais calma e fechada em mim mesma. Me fechei. Às vezes penso no meu canto, desabafo, choro, e passa aquela

dor, mas só um pouco.

• Qual foi a maior mudança, depois que a doença começou a aparecer?

A.: Antes da doença, pesava 62 quilos. Hoje estou com 32. Quando vou ao hospital consigo chegar a 34.

• E os vizinhos, como reagem?

A.: Os vizinhos não sabem. Digo que tenho diabetes. Tenho medo dos vizinhos, que eles comentem, que não entendam.

• Sobrou algo da origem guarani?

A.: Só o arco e a flecha do meu sobrinho. Nós não convivemos com a tribo, puxamos para a língua brasileira. Sou guarani. Meus avós eram.

FALA O ÍNDIO

"A mãe da Aids é o sangue. O pai, a transmissão. O mundo da Aids, a terra que ele vive, é o corpo humano. Fizem uma bomba que destrói qualquer planeta"

ATUMÁ KAMAUÁ • ÍNDIO DO XINGU

"Por onde veio esse Aids? Os brancos vêm e roubam nossas mulheres, vêm com conversa e enganam as mulheres"

JEREMIAS FAGRERE CAMPOLIM • KANGANG DA ALDEIA DE APUCARANITHA, EM LONDRINA (PR)

"Desconfio que foi do meu marido, que saía muito"

A., DE 27 ANOS, ÍNDIA GUARANI DE CAMPO GRANDE (MS) COM HIV, SOBRE A TRANSMISSÃO

"Semente você não vê no chão. Esse Aids também não. Meu pai já falava que ia ter doença que não vê e não sente. Aqui já tem Aids. É difícil para o índio, eles querem ver"

NARCISO DANIEL • LÍDER GUARANI-KAIOWÁ DE DOURADOS (MS)

"Quando eu era jovem, tudo era diferente. Quando alguém ficava doente, usava plantas como remédio. O que é Aids? Não sei direito. Meu avô disse que uma doença tem muito perigosa. Não tem cura e a gente pode morrer... Onde a gente pode saber direito sobre a Aids? Lá na aldeia tem agente de saúde, é bom perguntar para ele"

TRECHO DA CARTILHA SOBRE A Aids DISTRIBUÍDO AOS GUARANI-KAIOWÁ